

# Relatione del Reame di Congo: fonte para o estudo do contato do português com as línguas do grupo banto

Margarida Maria Taddoni Petter\*

**Resumo:** Este texto analisa as palavras oriundas de línguas africanas presentes na obra *Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade*, publicada em 1591 e escrita por Filipo Pigafetta e Duarte Lopes. Esse livro é considerado uma fonte importante para o conhecimento das línguas bantas. O objetivo deste artigo é fornecer evidências sobre o contato do português com as línguas africanas.

**Palavras-chave:** Contato de línguas; Empréstimos de línguas africanas; Português brasileiro.

## 1. INTRODUÇÃO

A obra *Relatione del Reame di Congo e delle circonvicine contrade*, composta em 1589 e publicada em 1591, foi escrita pelo humanista italiano Filippo Pigafetta, a partir do relato do comerciante português Duarte Lopes, cristão-novo que chegou a Luanda em agosto de 1578, fugindo das pressões da inquisição portuguesa e espanhola. Essa obra – síntese do que a Europa sabia sobre a África naquela época – foi copiada e traduzida em vários idiomas nos séculos XVI, XVII e XVIII (holandês, inglês, alemão, latim), mas teve sua primeira versão para o português somente em 1949.

Duarte Lopes ditava e Pigafetta escrevia e traduzia. Segundo Bal (BAL, 2002, p. 16) seriam de Pigafetta as informações sobre a geografia geral da

---

\* Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

África; Lopes seria o responsável pelas descrições geográficas e etnográficas de Luanda e São Salvador, bem como pelo relato dos fatos históricos. Trata-se de obra de propaganda das riquezas do solo, do clima e das “boas relações” entre o Congo e Portugal, onde falta o senso crítico e exagera-se a empreitada do cristianismo, pois havia “minas de almas a explorar” na África negra (Lopes). Sua melhor parte é a etnográfica, com a descrição dos costumes, armas, vestuário, instrumentos musicais, técnicas de tecelagem, etc. Há fantasia, no entanto, nos relatos de antropofagia e na representação de crenças e cultos.

Além de seu valor como documento da história do Congo no século XVI e da viagem dos portugueses ao Congo e a Angola, contém apreciável informação sobre as línguas africanas com que os portugueses entraram em contato. É considerada por linguistas africanistas como uma fonte importante para a linguística banta e também é relevante para o estudo das primeiras atestações em italiano de palavras “exóticas” e da influência portuguesa sobre o italiano. (BAL, 2002, p. 236)

Neste trabalho será explorada a presença de termos de origem africana – cujo uso persiste no português brasileiro – encontrados na edição traduzida e anotada por Willy Bal (2002), com o título *Le Royaume de Congo et les contrées environnantes (1591)*. O levantamento busca oferecer elementos para a documentação da etimologia e da datação da entrada de *africanismos* na língua portuguesa, considerando a hipótese de que essa obra constitua, provavelmente, o registro escrito mais antigo de vários itens lexicais que o português tomou emprestado das línguas africanas.

## 2. HISTÓRIA DO CONTATO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS AFRICANAS

Com a chegada dos portugueses à África, no século XV, a língua portuguesa entra em contato com as diferentes línguas africanas, da costa ocidental e da região centro-sul, área onde se falam línguas do grupo banto. É nessa época que a língua portuguesa vai iniciar seu processo de apropriação de palavras de línguas africanas que designam, na maior parte delas, realidades específicas ao continente africano. Esse processo de empréstimo linguístico é simultâneo às descobertas da África e de suas línguas (BONVINI, 1996).

Não se dispõe, ainda, de um inventário sistemático dos empréstimos realizados no primeiro período de contato, com base em documentos como relatos de viagens, crônicas, textos literários, peças de teatro, etc. Bonvini

(2002, p. 149-152) apresenta um levantamento provisório, onde destaca: (i) na 1ª Década (1552) de João de Barros, os termos *banzeiro*, *fulo*, *mozimos*; na 3ª Década (1563), *ganda*, *inhamé*, *moxâma* e *muxama*; (ii) no Dicionário de Bluteau (1712), onde constam 70 termos ainda presentes nos dicionários atuais do português brasileiro e considerados como originários de línguas africanas; (iii) no *Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Raphael Bluteau, reformado, e acrescentado* por Antonio de Moraes Silva Natural do Rio de Janeiro (1ª edição em 1789), onde Moraes retoma a quase totalidade dos termos de Bluteau (1712) e acrescenta somente uma dezena de novos itens atestados no Brasil. Bonvini levanta a hipótese de que a partir dessa data tenham sido contabilizados como pertencendo ao português brasileiro termos que até então faziam parte do estoque lexical comum de empréstimos atestados no português de Portugal, “o que é contrário à realidade, já que esses mesmos termos foram emprestados numa época anterior e não no Brasil” (BONVINI, 2002, p. 150).

Sobre os empréstimos realizados pelo português em Angola há uma série de documentos. O primeiro deles trata dos vocábulos africanos atestados nos textos relativos a Angola, no período de 1622-1635, reunidos por B. Heintze (1985, p. 114-130). Nesse levantamento constam 105 termos, dos quais 16 somente figuram no Brasil: *casimba*, *fuba*, *ganga*, *infuca*, *libambo*, *macota*, *macuta*, *malafo* (*marafa*, *marafu*, \**moleca*, *moleque*, \**pombeiro*, *querimbo* (*carimbo*), *quilombo*, *quitanda*, *senzala*, *tanga* e *zimbo*, dos quais *casimba* e *moleque* foram reconhecidos também por Bluteau (cf. *Novo Aurélio-século XXI*, apud BONVINI, 2002, p. 151).

A. de Oliveira Cadornega (1680, p. 611-622) apresenta 161 termos emprestados das línguas africanas, em sua maioria relativos ao vocabulário militar, dos quais quinze são atestados no Brasil, às vezes sob uma forma aproximativa: *ambundo*, *banzar*, *calunga*, *casima*, *fuba*, *ganga*, *gonges*, *libambos*, *maçaia*, *macotas*, *mucama*, *pombeiro*, *quilombo*, *quitanda*, *zombi*. Os termos novos são: *ambundo*, *banzar*, *calunga*, *gonges*, *maçaia* e *zombi* (CADORNEGA, 1680, p. 611-622).

O terceiro documento foi escrito em italiano e comporta um vocabulário muito extenso. Trata-se da obra de G. A. Cavazzi (1687, t. 2, p. 469-482), onde há uma lista lexical em que, apesar de contar com temas variados, como, botânica, zoologia, dados etnográficos e históricos, predomina a terminologia da religião tradicional. Dos 349 termos inventariados, somente 16 coincidem,

com algumas variantes, com os certificados no Brasil: *badé, bolo, cacimbas, calunga, fuba, ganga, ganga-ia-nzumba, libata, macota, marimba, moringa, mulemba, quiijila, quilombo, zambi-a-mpungu* e *zimbo*. Dessa lista, os novos aportes são: *badé, bolo, ganga-ia-nzumba, libata, marimba, moringa, mulemba, quiijila* e *zambi-a-mpungu* (CAVAZZI, 1687, t. 2, p. 469-482).

E. A. Silva Corrêa, um brasileiro que viveu em Angola, consigna em sua *História de Angola* (1782) 89 termos de origem africana, segundo o levantamento sistemático de M. A. F. de Oliveira (1983, p. 273-291). Desses, vinte são atestados no Brasil: *aloá, calhambola, cubata, entanga, fuba, ganga, libata, libambo, macotas, macuta, milongo, mucambas, pango, pumbeiros, quilombo, quitanda, quitandeira, sanzala, tungas, zimbo* (BONVINI, 2002, p. 152).

A essa lista de documentos convém acrescentar o texto de Pigafetta, *Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine contrade*, que pela sua antiguidade, um documento do século XVI, passaria a ser o primeiro registro sobre o contato do português com as línguas de Angola-Congo.

### 3. TERMOS DE LÍNGUAS AFRICANAS NA RELATIONE DEL REAME DI CONGO ET DELLE CIRCONVICINE CONTRADE

Excluindo-se os topônimos e os gentílicos, ocorrem apenas três vocábulos de língua banta ainda correntes em português: *libata, mizanga, tanga*. Considerando-se o inventário de Bonvini (2002), pode-se afirmar tratar-se do primeiro registro dos três termos que ainda hoje são atestados no português do Brasil.

#### 3.1. Libata

No texto de Pigafetta, traduzido do francês: “Há, nesta ilha [Luanda], sete ou oito aldeias chamadas em língua do país *libata*” (p. 59). Bal (2002, p. 247) oferece o étimo quicongo “*váta (v bilabial) ‘domicile, hameau, village, ville comune’ (Laman, p. 1052)*”. O *Novo Aurélio-século XXI* e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* registram esse item como um angolanismo, oriundo do umbundo, com o mesmo significado apontado na *Relatione*, ‘aldeia’.

### 3.2. Mizanga

A referência é feita no trecho, traduzido do francês: “Elas [contas] se chamam, no idioma desse país, *anzolos* e quando estão enfiadas como os grãos de um rosário, *mizanga*” (p. 90). Em longa nota, Bal (2002, p. 275-277) explica que o nome *mussanga*, *misanga*, *nsanga* remontaria ao banto comum – *ƙianga* “grão de colar, conta”. Aparece em quicongo, suaíli, herero e duala, citados por Meinhof (1932, p. 199). Em quicongo há o termo *nsánga*, que, segundo Laman (p. 757) significa “contas, fio de contas, de cem contas azuis (empregadas antigamente como moeda), colar, terço (dos católicos)”. Bal faz alusão ao termo *missanga* (*miçanga*) do português e retoma a discussão sobre a etimologia apresentada por Nascentes e repetida pelos dicionaristas brasileiros, segundo a qual a palavra seria originária do cafre. Considerando que a palavra *nsánga*, em quicongo, tem como plural *misánga*, exibindo os prefixos das classes 3 e 4, segundo Meinhof: 3: *mu-* ou *n-*/ 4: *mi-*, Bal (2002, p. 276-277) pondera que o plural com sentido coletivo *misánga*, foi assimilado ao singular dos femininos em *-a* do português. A localização e a datação das primeiras atestações da palavra em português permitem decidir a questão da origem do termo, portanto, o testemunho de Lopes situado nos anos 1588-1589, é uma evidência favorável à origem quicongo do termo.

### 3.3. Tanga

O texto em que ocorre esse termo descreve uma série de tecidos: “Os veludos têm a mesma largura: nós os designamos pela palavra *enzacas*, os damascos se dizem *infutas*, os cetins, *maricas*, os tafetás *tangas* ...” (p. 78). De acordo com Bal, *ntanga*, nome de um tecido indígena (CUVELIER, 1943, p. 311); *entanga* aparece em texto de Silva Corrêa, *História de Angola* (1937, t. 1, p. 71): “Três palmos de tecido de qualquer qualidade, que eles enrolam em volta dos quadris”. Em quicongo moderno há a forma *ntánga*, “tecido espesso; tecido vermelho escuro” (LAMAN, 1936, p. 787). Em quimbundo, segundo Silva Maia, *otanga*, no sentido de “pano”. Em português brasileiro moderno o sentido se especializou enquanto peça de vestuário, passando a significar, também, um tipo de biquíni, além de significar, na gíria, situação financeira difícil. A palavra, derivada do quimbundo ou quicongo (as formas são bem próximas nas duas línguas), perdeu seu sentido de tecido, para representar uma peça do vestuário.

#### 4. REFERENTES AFRICANOS, PERÍFRASES EM PORTUGUÊS

Outras três referências a realidades africanas são feitas por meio de perífrases, ou explicações, sem utilizar qualquer denominação de língua africana. É o caso de *vinho de palmeira, concha como moeda e grande tambor cuja caixa é cavada num tronco de árvore e coberta de couro*, para referir-se, respectivamente, a *ma-làsu*, *ngoma* e *nzimbu*, conforme notas explicativas de Bal.

##### 4.1. Ma-làsu

Ao descrever a capital do reino do Congo, São Salvador (Mbanza Congo), Lopes insiste na fertilidade das terras, onde se cultivam várias árvores frutíferas e onde há uma espécie de palmeira “da qual se tiram o óleo, o vinho, o vinagre, os frutos e o pão” (p. 134). Em nota, Bal traduz ‘vinho de palmeira’ (p. 302), pelo termo quicongo, *ma-làsu* (cf. LAMAN, 1936, p. 486). É interessante observar que há uma grande variação nos termos que passaram para o português para designar a bebida: *marafa*, *malafa*, *marafu*, *malavo*, *malafu*, *maluvo*, *malufu* (cf. Houaiss, Aurélio, Lopes e Pessoa de Castro) com o sentido de “bebida alcoolizada, vinho de palmeira, bebida votiva de Exu e de caboclo”. Houaiss aponta *malufu* como um angolanismo, enquanto Aurélio considera *maluvo*, angolanismo, e apresenta como abonação uma frase do romance *Mayombe*, de Pepetela. Segundo Bonvini (2002, p. 159), a variação observada denota origens diversas, de línguas faladas no eixo norte-sul do leste de Angola, e não um processo ocorrido no Brasil, como resultado da ausência de normatização. Nas línguas faladas em Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia, encontram-se as raízes (independentes do prefixo de classe): *-lovu* [*subia*], *-luvu* [*coḱwe*], *-lavu* [*ḱisiḱongo*], *-lufu* [*mbundu*], *-lafu* [*sira*], *-rafo* [*coḱwe-luḱasi*], *-rufu* [*salampasu-ndembo*], que justificariam as formas divergentes. O sufixo *-a*, inexistente nas línguas de origem, revelaria a integração dos termos no português brasileiro, por associação, talvez, com outras bebidas, de gênero feminino, como *cachaça*. Esse fato, segundo Bonvini, refletiria um empréstimo de segunda geração, visto que as formas em *-o*, registradas no século XVII em textos portugueses, corresponderiam aos empréstimos feitos anteriormente à integração do termo no português brasileiro.

## 4.2. Ngoma

A menção aos tambores é feita no trecho em que Pigafetta descreve a batalha de Pedro Dias contra o rei de Angola, de que participam congoleses, *Mocicongos*, ao som de diversos sinais sonoros, de trompa e de baterias de tambores. Bal informa em nota (p. 273-274) que esses membranofones de tipo de tambor cilíndrico, são chamados de *ngoma* (*quicongo*) e apresenta uma referência encontrada em Brásio (1952, III, p, 139), de carta do Padre Garcia Simões au Provincial, de 20-10-1575: “... huma engoma que hé como huma alcantra...” No Brasil, a forma *engoma*, tem as variantes *zingoma*, *ingoma*. (Castro, Lopes), para denominar os atabaques usados nos candomblés angola-congo. Houaiss apresenta as variantes: *angomba*, *angona*, *engono*, *ingoma*, *ingomba*, *ingome*, *ingono* e considera o étimo *ngoma*, do quimbundo.

## 4.3. Nzimbu

Em vários momentos o texto de Pigafetta menciona a utilização de conchas como moeda, dinheiro. Em nenhum trecho, no entanto, a denominação em língua africana é empregada. A ilha de Luanda era a mina da moeda utilizada pelo rei do Congo e os povos das regiões vizinhas. Nas praias, as mulheres mergulhavam para encher o cesto de areia e depois retirar as pequenas conchas, e escolher as menores, as mais finas e “apreciadas pela sua cor clara, brilhante e agradável” (p. 59).

Conforme o levantamento de B. Heintze, esse termo aparece como *zimbo*, em documentos relativos a Angola, no período de 1622-1635. De acordo com Bal, (2002, p. 245-247), o termo é utilizado nesta passagem do relato de Domingos de Abreu de Brito, contemporâneo da *Relatione*: “E este *zimbo* tem tanto valor neste reino, que desde a ilha de Luanda se enviam grandes quantidades de peças de ouro ao Congo para comprar escravos, mas essas moedas nos foram recusadas pelos comerciantes que nos dizem que o verdadeiro dinheiro era o *zimbo* de Luanda...” (BRÁSIO, IV, 1952, p. 538). O *nzimbo* era utilizado essencialmente como moeda de troca, posteriormente passou a ser objeto de ornamento, finalmente teve seu uso como amuleto, objeto mágico. Era em *nzimbo* que os direitos da igreja do Congo eram pagos ao bispo. A forma *nzimbo* é originária do quicongo (cf. BAL). Em português aparece, também, sob a forma de *jimbo* (cf. abonação do termo do *Novo Aurélio*).

## 5. DENOMINAÇÕES DE POVOS

Dentre as referências a povos vizinhos do Reino do Congo, destaco os nomes:

*Ambundo*: são apresentados como os habitantes de Angola (p. 94), reino um pouco inferior ao do Congo, de quem dependia primitivamente: é uma província que se chamava Ambundia, cujos habitantes eram os Ambundu ou Mbundu (p. 271). Segundo Plancquaert (*apud* BAL) os ambundos teriam invadido, provavelmente no final do século XV, a província meridional do reino do Congo, sob o comando do chefe Ngola, de onde viria o nome do novo reino assim criado: Angola. Há muitos documentos que identificam os ambundos ao povo de Angola (BRÁSIO, 1952, III, IV). Para outros autores, os ambundos ocupariam a região situada entre o Congo e Angola (CUVELIER). Miranda de Magalhães observa que o termo *ambundu*, aparentado ao verbo *kukunda*, “saquear, conquistar”, tem em quimbundo o significado de “conquistador, vencedor”. De forma contrária, Cuvelier informa que os bacongos sujeitaram os povos ambundos, quando da ocupação da região, e o termo *mbundu* passou a significar escravo. Bal observa que é frequente a passagem de um gentílico a um nome comum significando ‘escravo’. Por outro lado, em alguns falares da margem direita do rio, do lado dos basundi, ‘escravo’ se diz “*muḱongo*”.

*Anzique* (*Anzico, hoje*): o habitat desse povo pôde ultrapassar os limites do reino de Anzica, Anzicana, situado ao nordeste do reino do Congo, o que se explica pelo fato de que essa denominação variou de uma época a outra, dependendo dos autores. Algumas vezes são identificados aos batequês, tequês, ou tios, outras vezes aos jagas (BAL, 2002, p. 261-262). Várias explicações foram propostas para os termos Anzique e Anzica. Cuvelier interpretava *Ansico* por “habitantes do rio”, *asi-ko*. Para Simar e Plancquaert, *anzique* não é propriamente um gentílico; segundo o primeiro autor, seria um apelido desdenhoso, equivalente a “pequeno”, empregado pelos bacongos para as povoações de *civilização* inferior; já Plancquaert aproxima o termo de palavras significando “escravo” nos falares indígenas *muhika, mubika, mgika*, plural: *bahika, babika, ahika*, refletindo uma situação diferente da aludida acima; aqui é um nome comum, ‘escravo’, que passa a gentílico. Os habitantes do reino do Congo teriam dado este nome aos povos que lhes forneciam escravos. Há ainda a explicação de Cuvelier, de *Anzique* por *Anzinge*, região dos descendentes do clã Nzinga, os banzinga (*apud* BAL, 2002, p. 262).



*Jaga*: há diversas formas para o nome desse povo, no texto em análise aparece como Jaga, “denominação dada pelos congolese, e Agag, como o próprio povo se reconhece” (cf. PIGAFETTA, *apud*, BAL, 2002, p. 127). Neste texto aparece com as mesmas características, que são apresentados, em outros documentos dos séculos XVI e XVII: são guerreiros cruéis e antropófagos. Esse povo constituiu um enigma para os historiadores, que desenvolveram muitas hipóteses sobre sua verdadeira identidade. Bal relata que o estudo mais recente, de janeiro de 2000, de Paulo Jorge de Sousa Pinto, faz uma síntese dos debates do passado e dos atuais. Lopes e Pigafetta falam de uma invasão de Jagas ferozes que devastaram o reino do Congo em 1568, antes de recuar diante de uma intervenção portuguesa. Outros documentos do século XVII (Cavazzi, Cadornega) tornam a falar dos jagas, fortemente implantados em Angola, auxiliares ou inimigos dos portugueses de acordo com as circunstâncias. Os historiadores concordam que se deve distinguir os jagas de 1568, cuja origem continua controvertida, dos jagas “angolanos”, identificados desde então aos imbangalas, do leste de Angola. É dos primeiros que se trata neste texto. O nome jaga passou a ser associado a costumes bárbaros e a povos nômades, belicosos e acusados de canibalismo do interior da África, pertencendo a um tronco comum e fazendo incursões nas costas orientais. Segundo Bal (2002, p. 295), o nome jaga sofreu a mesma extensão que anziques, pelos mesmos motivos, e é provável que, em alguns casos, tenha sido confundido.

## 6. A LINGUAGEM DOS POVOS

Ao tratar dos anziques e dos jagas, Lopes e Pigafetta fazem algumas observações sobre a linguagem desses povos, confirmando a afirmação de que os portugueses estiveram, desde os primeiros contatos com a África, atentos à intercompreensão entre os habitantes da região que, posteriormente, viria a ser reconhecida como a de línguas do grupo banto.

Sobre os anziques notam que: “A linguagem deste povo é bem diferente da do Congo, mas esta última é mais clara e mais fácil; também os anziques a aprendem facilmente, enquanto que os congolese têm muita dificuldade a aprender a dos anziques” (p. 73).

Diferentemente dos jagas: “... sua linguagem lhes permite compreender os habitantes do Congo e reciprocamente. São pessoas mais rudes que os Mocicongos [congolese]. Os escravos trazidos de lá são muito obstinados” (p. 127).

## 7. A GRAFIA DOS NOMES AFRICANOS

Como se trata de uma obra escrita em italiano a partir da tradução de um relato oral em português, encontram-se várias hesitações quanto à grafia das palavras de línguas africanas. Essas indecisões foram mantidas na versão em francês e referem-se, principalmente, às formas de singular e plural de nomes gentílicos, que estão ora em português ora em italiano, como Monsobos, que aparece, no original, na mesma página, como Maciconghi, (BAL, 2002, p. 29). Bal corrige as formas dizendo que o melhor é Muzombo, plural Bazombo, povo bacongo que vive em Angola, ao longo da fronteira da República do Congo. Na versão francesa, o autor optou por escrever da forma que se estabeleceu para os estudos africanos, segundo a qual os nomes dos povos não são seguidos da desinência –s de plural. Era uso da época, (BAL, 2002, nota 1, p. 29) utilizar o prefixo quicongo no singular e o sufixo europeu no plural. Ocorre que, em português, atualmente, esses e outros substantivos de origem africana se flexionam de acordo com as normas da língua portuguesa, mantendo, paradoxalmente, mesmo no singular, o prefixo de plural das línguas bantas, como se encontrava já em registros do século XVII: *macotas* ‘os mais velhos de uma linhagem’ (*dikota*, no singular); *malungas* ‘argolas de ferro’ (*rilunga*, no singular) (CADORNEGA, 1680), em que *ma-* é o prefixo de classe de plural.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Lopes e Pigafetta retrata o contato dos portugueses com os diversos povos e culturas do antigo reino do Congo e de terras vizinhas com riqueza de informações geográficas, etnográficas e históricas. Apesar de menos extensas não são menos importantes as observações de cunho linguístico, representadas, principalmente, pelo vocabulário de termos africanos. Os itens lexicais – *mizanga* e *tanga* – anotados por Lopes, que permanecem em uso do português brasileiro, apontam para o campo semântico do vestuário, universo em que a diversidade africana se mostrava de forma contundente. Os cinco séculos que separam esses registros de suas formas atuais não foram suficientes para provocar transformações fonéticas e semânticas importantes nesses termos: (i) o conjunto de contas, *mizanga*, passou a significar uma única conta de colar, o plural passou a ser interpretado como singular, a marca de plural prefixada,

em quicongo, perdeu o valor que possuía na língua africana na integração do termo ao português; (ii) em *tanga*, observa-se apenas uma mudança semântica, de designação de uma espécie de tecido passou a denominar uma peça do vestuário. Essas duas referências permitem identificar a etimologia desses termos: *miçanga* vem do quicongo, pois este é o registro mais antigo do termo, e *tanga* constitui um termo banto, podendo ter entrado para o português a partir do quicongo ou do quimbundo, visto que nessas duas línguas as formas são bastante próximas (*ntánga* e *tanga/otanga*, respectivamente).

São Paulo, Brasil, Maio de 2011.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAL, Willy. *Le Royaume de Congo et les contrées environnantes (1591): La description de Filippo Pigafetta et Duarte Lopes, présentée et traduite par Willy Bal*. Paris: Chandeigne/UNESCO, 2002.

BLUTEAU, PE. R. *Vocabulário português e latino autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos, e oferecido a el rey de Portugal D. João V pelo Padre D. Raphael Bluteau*, Coimbra, no Collegio das Artes da Companhia de Iesu, Anno 1712 (10 vol.), 1712.

BONVINI, E. Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines. I. Du XVIe au XVIIIe siècle: dans le sillage des explorations. *Histoire, Epistémologie, Langage* 18(2), p. 127-148, 1996.

\_\_\_\_\_. Palavras de origem africana no português do Brasil. In: NUNES, F. H e PETTER, M.M.T. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Campinas: Humanitas/Pontes, 2002, p. 147-162.

BRÁSIO, A. *Monumenta missionaria africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952-1988.

CADORNEGA, A. de O. de. *História geral das guerras angolanas*, anotado e corrigido por José Matias Delgado. Lisboa: Agência geral do ultramar, 1972 [1680], vol. I.

CASTRO, Y. P. de. *Falares Africanos na Bahia (um vocabulário afro-brasileiro)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras & Topbooks, 2001.

CAVAZZI, G. A. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola, de João Antonio Cavazzi de Montecúcolo*, Trad. de G.M. de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, Agrupamento de estudos de cartografia antiga, Secção de Lisboa, Publicações, 1965[1687], Tomo 1, 430 p.; Tomo 2, 493 p.

CORREA, E. A. da S. *Historia de Angola*. Lisboa: Atica (Série E, Império africano), vol. 1 et 2, 1937 [1782].

CUVELIER, J. Notes sur Duarte Lopez. I. R. C. B. *Bulletin des séances*, tomo XIV, p. 314-329, 1943.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI - O Dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed.. Margarida dos Anjos & Marina Baird Ferreira (coord.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HEINTZE, B. *Fontes para a história de Angola do século XVII. I. Memórias, relações e outros manuscritos da colectânea documental de Fernão de Sousa (1622-1635)*. Transcrição dos documentos em colaboração com Maria Adélia de Carvalho Mendes. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden GmbH, 1985.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LAMAN, K. *Dictionnaire kikongo-français*. Avec une étude phonétique décrivant les dialectes les plus importants de la langue dite kikongo. Bruxelles: [s.n.], 1936.

LOPES, N. *Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Secretaria da Cultura do Rio de Janeiro, 1993.

MEINHOF, C. *Introduction to the phonology of the Bantu languages*. Translated, revised and enlarged in collaboration with the author and Dr Alice Werner, by N. J. V. Warmelo. Berlin: [s.n.], 1932.

MORAIS SILVA, A. *Dicionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Raphael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, MDCCLXXXIX, 1789. Tomo I, 752 p.; Tomo II, 541 p.